

PLATÓN. *BANQUETE*.
TRAD. EZEQUIEL LUDUEÑA.
BUENOS AIRES: COLIHUE, 2015.

Dax Moraes

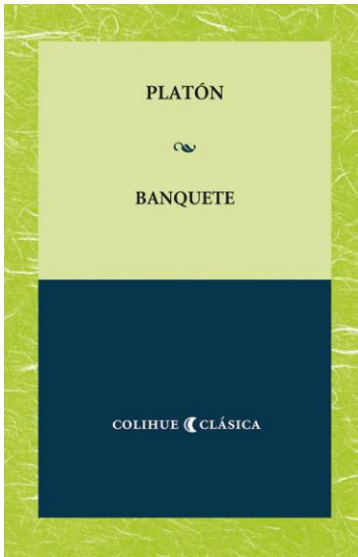
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, v. 22, n. 38
Maio-Ago. 2015, p. 313-320

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109





Nunca é demais uma nova tradução de textos clássicos, especialmente quando se trata de uma tradução direta do grego publicada em edição bilíngue. Mas não é apenas isso o que nos oferece Ezequiel Ludueña, especialista na tradição platônica (e neoplatônica), professor da Universidad de Buenos Aires, vinculado ao CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas). De fato, se não cometo injustiça com alguma outra edição, há pelo menos duas integrais bilíngues grego-português disponíveis no Brasil: a tradução de Carlos Alberto Nunes, revista

e reeditada pela Editora da Universidade Federal do Pará, e a de Donaldo Schüler para a L&PM – ambas dotadas de suficiente mérito e qualidade. Deve constar que isso é uma exceção em um país cujo meio editorial não tem por hábito semelhante investimento. De todo modo, a tradução em espanhol não deixa de ser uma fonte adicional para estudantes que tenham maior facilidade com essa língua moderna “irmã” do português do que com outras de parentesco mais distante. Ainda assim, como disse, não é tudo o que Ludueña nos oferece nesse volume que acaba de ser publicado, uma tradução que, diga-se de passagem, também é dotada de originalidade.

A tradução propriamente dita, com grego ao lado reproduzido principalmente a partir da edição da Oxford (Burnet, 1901), além de bastante anotada, é precedida por uma Introdução que, com suas 115 páginas, escritas em 2010, é um verdadeiro livro dentro do livro. Seu teor não é o de uma simples introdução ao texto de Platão, tampouco é um estudo técnico para especialistas e sem interesse para um público mais amplo, tendo sido deixadas para as

notas de rodapé as observações mais. Em vez disso, atinge a justa-medida. Trata-se de uma discussão rica e acessível para todos os que se iniciam no estudo desse que é um dos mais célebres e prolíficos diálogos de Platão, o qual, como um bom texto filosófico, jamais perde sua atualidade e interesse para a vida. Cumprindo tal propósito, a Introdução pode ser dividida em três momentos: 1) uma apresentação histórica e cultural que situa não apenas a cena dramática e a composição do diálogo como o próprio sentido de Eros/*eros* na antiga cultura grega; 2) uma análise discurso a discurso que permite ao leitor ter maior clareza quanto às nuances – por vezes, muito sutis – das falas de cada personagem e suas “teses centrais”, cabendo destacar a precisão e o caráter não dogmático com que Ludueña a empreende, sempre recorrendo a ampla e diversificada bibliografia, diferente do que encontramos em outras edições; 3) considerações acessórias que concernem não apenas ao estilo, mas também a detalhes valiosos a que se deve atentar na leitura do diálogo, com destaque para os elementos dionisíacos ali encontráveis.

Refiro-me ao “caráter não dogmático” das análises por se tratar de uma exposição sensível à resistência a que a doutrina platônica está sujeita no contexto da cultura contemporânea. Em outros termos, o empenho de Ludueña não se reduz ao esforço acadêmico de fazer aceitar ou meramente explicar uma doutrina. Ciente das dificuldades usuais perante uma proposta ascética como a expressa no discurso de Sócrates/Diotima, por exemplo, Ludueña como que procura “preparar o espírito” do leitor para que tenha uma melhor experiência de leitura. Para tanto, dá voz a críticas severas, reconhecendo seu lugar, apontando com lucidez e rigor suas limitações e, ao mesmo tempo, defendendo com equilíbrio e rigor seu próprio posicionamento. Sua atitude perante o texto traduzido e para a qual convida o leitor é por ele mesmo resumida na sentença: “seja qual for a leitura que se adote, o *Banquete* acabará sendo sempre muito mais rico do que qualquer intenção de restringi-lo a uma interpretação determinada. Pois é antes uma

obra de arte do que uma obra filosófica” (p. CXVII). Trata-se, dissera ele pouco antes, de “revisar a forma como ‘construimos’ nosso Platão”.

Um ponto alto no tratamento dessa plurivocidade da obra artístico-filosófica de Platão é o espaço dedicado ao discurso que outrora se chegou a menosprezar: o de Alcibíades. Tal menosprezo se deve a que Alcibíades discorre apaixonadamente, e isso quer dizer, nesse caso, sem pretensões de sabedoria. A sabedoria presente em sua fala não é a sua própria, mas a de Sócrates, visível em um elogio que se pretende, por vezes, caluniador, uma vez que reclama um amor que Sócrates seria incapaz de oferecer. De fato, um discurso muito distinto dos anteriores, mas não tanto quanto possa parecer. Ludueña só não dedica mais páginas à fala de Alcibíades do que as dedicadas à de Sócrates/Diotima – não apenas porque esta seja a mais importante ou a única voz de Platão, mas por sua densidade e dificuldade. A fala de Alcibíades não é um mero epílogo ou *post-scriptum*, tampouco uma perturbação dionisíaca de todo alheia ao torneio que aparentemente havia se encerrado com Sócrates. Ludueña nos mostra que há mais do que isso, inclusive que, por trás da impetuosa exposição de Sócrates pelo amante rechaçado e ferido em seu orgulho, há também uma apologia desse mesmo Sócrates, outra voz de Platão que, por Alcibíades, nos mostra o quão Sócrates é semelhante ao Eros descrito por Diotima. Isso, por si só, dá muito que pensar.

Dentre as questões a serem enfrentadas quando diante do diálogo de Platão, é precisamente na análise do discurso de Alcibíades que Ludueña traz à discussão a polêmica levantada por Martha Nussbaum, notória crítica de Platão no que concerne, especialmente, ao amor e à política. Nesse sentido, Nussbaum valoriza o discurso de Alcibíades, pois este seria o porta-voz de um *eros* humano contrário ao desdém pela paixão ordinária que se deprenderia do discurso reportado por Sócrates. Se há um radicalismo de Nussbaum em suas reiteradas investidas contra

Platão, até porque não é correto lermos nele uma recusa de toda sensibilidade, mas antes uma indicação de seus limites, a controvérsia não perde sua relevância, até porque oportuniza o esclarecimento do discurso. Afinal, não era por meio de seus opositores que Sócrates dava voz ao seu próprio pensamento? Uma autêntica filosofia é o contrário de um teimoso fechar os ouvidos para aquilo que se lhe contrapõe. O problema reside, todavia, em permitir que os pressupostos inerentes à cultura contemporânea nos desviem o olhar daquilo que Platão tem em vista e quer nos dar a ver. Ludueña, com correção, nos explica que a proposta de Sócrates/Diotima não consiste em que se abandone a pluralidade das belezas em nome de *outra* beleza superior, como pretende a crítica mais corriqueira; pelo contrário, trata-se de revelar a origem de toda e qualquer beleza a fim de que seja contemplada em si, sem interferências, ou seja, *imediatamente*. Nisso consistiria a ascese. Em suas palavras, “o ponto está em reconhecer essas manifestações [da Beleza] como tais, não em renunciar a elas” (p. XCVIII). Desse modo, Nussbaum como que erraria seu alvo, opondo-se a uma doutrina que não é aquela que supõe estar criticando. Ao invés de um adepto de mortificações, Sócrates é moderado o bastante para não precisar recusar prazeres, inclusive o da bebida. O esforço pela moderação é, por fim, mais meritoso do que ser dotado de um caráter naturalmente virtuoso, pois a virtude provém do exercício, da *práxis*, não da natureza.

Apesar disso, uma crítica semelhante é levantada por Gregory Vlastos e não recebe refutação de modo tão simples. Ela é referida por Ludueña antes que se conclua a análise do discurso de Sócrates/Diotima e tem como ponto de partida precisamente aquilo que se desenvolverá com maior vigor no neoplatonismo, com Plotino, Santo Agostinho e seus sucessores: que tal amor “não pode admitir como objeto último a pessoa humana”. O conhecido menosprezo das formas corpóreas por Plotino, minimizado por Santo Agostinho, embora este mantenha que apenas de Deus é lícito fruir, que o homem e demais entes têm apenas valor de uso

para aquele fim último que é Deus, parece constituir um dos mais sérios entraves para que se aceda a uma filosofia platônica do amor. No entanto, o estatuto dessa tese em Platão é certamente problemático, pois implica a possibilidade de nele encontrarmos resposta para a pergunta: é possível amar em um mortal o que nele é imperecível e indivisível sem, com isso, amar menos o indivíduo que ele é *por inteiro*? Na *República* (474 c) também se toca no assunto, mas não procurarei responder essa pergunta aqui, tampouco o tenta Ludueña – é uma questão alheia aos nossos propósitos mais imediatos. Contudo, isso que, para Vlastos, consiste na “principal falha na teoria de Platão”, embora seja considerada por Ludueña uma crítica justa, recebe dele uma resposta igualmente justa, decisiva e cuja menção se faz particularmente relevante: “Platão falhou em apresentar uma filosofia do ‘amor’ adequada. Porém, como observa Halperin, conseguiu ‘criar uma teoria erótica que pudesse dar conta da metafísica do desejo’. O que Platão denominou *éros* não é o que chamamos ‘amor’” (p. LXXXVI). De fato, Platão é o mestre inaugurador das “ontologias do desejo”, como prefiro chamar, mas uma *filosofia do amor* em sentido estrito ainda tardaria a emergir.

Complementando a obra, encontramos um valioso apêndice de 70 páginas sobre a “Influência e recepção do *Banquete* no Ocidente”, a que se segue, após breve introdução, um diálogo (talvez) platônico intitulado “Amantes”.

Além de o estudo final que constitui o primeiro apêndice apontar indícios de possíveis reflexos do diálogo na filosofia de Aristóteles, logo encontramos uma breve exposição do tratado de Plotino sobre o amor nas *Enéadas*. Seguindo as fontes antigas e medievais, desde as patrísticas grega e latina, bem como obras do neoplatonismo pagão, Ludueña narra e discute o secular processo de assimilação e difusão do *Banquete* no Ocidente e no Oriente. Como figuras centrais dessa história, temos filósofos como Proclo, Plotino, o pseudo-Dionísio e, finalmente, Ficino, que, já no período renascentista, traduz o diálogo e publica, com seu grupo, um

extenso comentário na forma, também, de um simpósio. Até então, nos diz o autor, o *Banquete* era frequentemente reconhecível por fontes indiretas. O trabalho de Ficino, bem como o de Leão Hebreu, mostra-se decisivo para a disseminação da erótica platônica na Europa. Sua influência não se reduz ao contexto do Renascimento italiano, mas lança raízes no mundo ibérico, na Inglaterra e na França. Daí somos transportados à inspiração suscitada pelo *Banquete* em poetas românticos como Friedrich Hölderlin e Percy B. Shelley, com referências adicionais relativas às marcas deixadas pela figura de Sócrates, ainda viva, especialmente em Kierkegaard e Nietzsche, detendo-se no século XIX esse belo, fluente e cuidadoso estudo.

Para terminar, algumas palavras sobre “Amantes”. Esse diálogo, narrado por Sócrates, sem identificação de interlocutor, conta sobre seu encontro com dois jovens que disputam entre si por um adolescente que, no início do relato, se encontra em meio a discussões filosóficas com outro adolescente. Os rivais são um ginasta e um “intelectual”, ironicamente referido por Sócrates como “sábio”. Não se trata, porém, explicitamente, de um sofista ou simpatizante dos sofistas, mas de alguém que se julga porta-voz de uma apologia do conhecimento teórico contra aqueles que se dedicam a atividades manuais ou se empenham no cultivo do próprio corpo. Trata-se de uma oposição que terá longa história na cultura ocidental e permanece atual, de maneira que o diálogo é de grande interesse para se refletir sobre de que cabe se ocupar o filósofo e em que medida. Naturalmente, o ginasta é menos simpático ao interrogatório socrático e lhe dispensa clara antipatia. No entanto, sua contribuição é decisiva, ao passo que a arrogância do outro logo se torna motivo dos esforços de Sócrates em revelar-lhe a ignorância. Desse modo, o título do diálogo não significa que se trate aí do amor, mas nomeia a rivalidade entre as artes (*technai*) e a erudição (*polymathia*) – daí o título alternativo *Anterastaí*.

O texto oferece a oportunidade de se refletir sobre a ideia de que a Filosofia consistiria em um saber teórico-genérico sobre todas as coisas e saberes por oposição ao saber empírico-especializado. O menosprezo por esse último é aí relativizado e, a certa altura, o que se busca é aquilo em que consiste o objeto próprio do filósofo, assumindo-se a conhecida relação que em Platão têm o bom e o útil, amplamente defendida, por exemplo, na *República*. Para se responder a isso – e se responde, pois, embora breve, não se trata de um diálogo aporético –, Sócrates propõe que a Filosofia se ocupa da justiça, cujo saber é ao mesmo tempo próprio ao filósofo, porém útil a todos os campos da ação humana. A justiça é entendida como *sophrosyne*, uma espécie de autoconhecimento sobre o próprio lugar na sociedade, não, como entenderão os modernos, a aquisição de uma “autoconsciência”. Sendo assim, a disputa pela autenticidade ou não do diálogo como escrito de Platão, suficientemente contextualizada por Ludueña em sua introdução, se torna secundária ao lado da evidente relevância da questão discutida, ou seja, o significado do filosofar e seu verdadeiro alcance.

Resenha recebida em 27/07/2015, aprovada em 9/08/2015